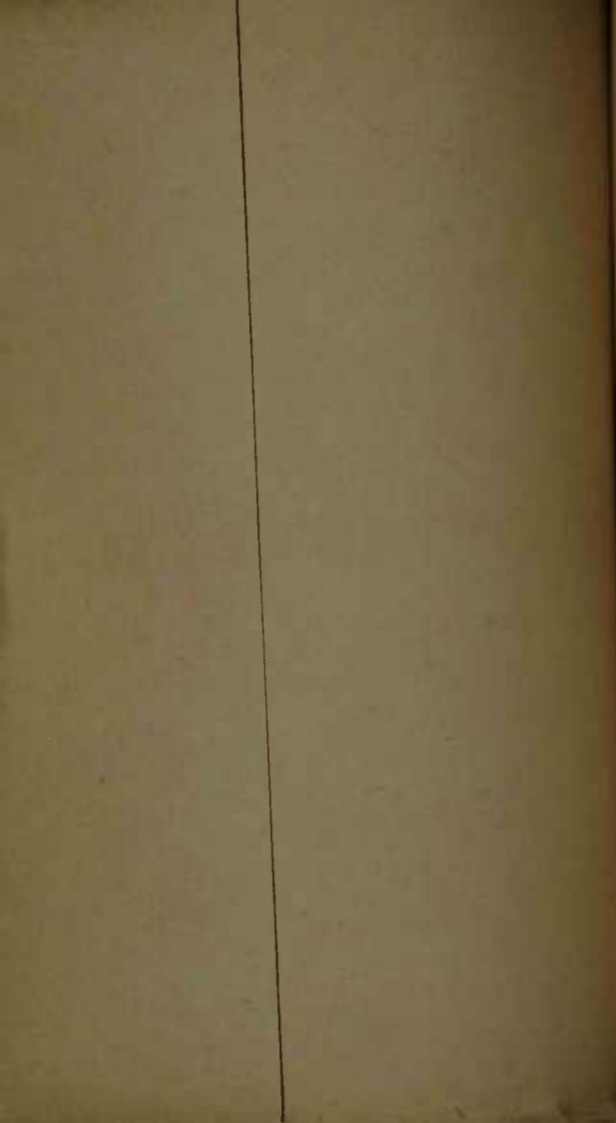


Margarida Lopes de Almeida

VERSOS
QUE EU DIGO



RIO DE JANEIRO - 1937



VERSOS QUE EU DIGO

Margarida Lopes de Almeida

Versos que eu digo

I

Edições Rudá

Não se compõe este livro, é evidente, das poesias e sim de poesias do meu repertório. Pouco a pouco a este se virão juntando outros volumes em que irei colecionando os versos que mais compensações me têm trazido na minha carreira. Notará o leitor que nem sempre do poeta escolhi página das mais representativas e altas da sua obra. É que não escolho os poemas apenas pelo seu valor intrínseco, mas, muitas vêzes, pelo que eles me oferecem de possibilidade de criação interpretativa.

Os versos que mais diretamente atingem a sensibilidade dos espectadores de uma platéia numerosa que os escuta vendo-os em gestos, ouvindo-os em sons e

em silêncios, não são, na maior parte das vêzes, os mesmos que comovem cada um dêsses mesmos espectadores no isolamento do seu estúdio numa leitura calada.

A generosidade do público que me acompanha há dezesseis anos, aquém e além-mar, tornou venturosa a minha vida. Quem me proporcionou essa ventura? — Os Poetas.

Que esta publicação seja uma homenagem de agradecimento a cada um que cooperou com o seu talento na minha carreira já longa. Aos nomes que compõem êste primeiro volume virão juntar-se outros, o que explica a omissão de tantos e tantos autores do meu repertório.

Não restringi aos meus patricios esta primeira coleção. Acolhida com igual carinho pelo público da minha terra e pela gente de outras línguas, a quem levo nas minhas constantes peregrinações o sentimento dos poetas brasileiros, achei que era

meu dever juntar no mesmo feixe, como juntos estão no meu coração, nomes do Brasil e do estrangeiro que me tenham trazido calor de aplausos de que lhes fiquei devendo juro. Esta é a minha prestação de contas.

Quem ler as páginas que se seguem saberá que a quem as assina devo uma parte grande da minha felicidade.

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA.

A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro! Vem comigo;
vamos a sós, meu corajoso amigo
pelos ermos vagar!

Vamos lá dos gerais que o vento açoita,
dos verdes capinzais n'agreste moita
a perdiz levantar...

Mas não! Pousa a cabeça em meus joelhos,
aquí meu cão! Já de listrões vermelhos
o céu se iluminou.

Eis súbito da barra do ocidente,
Doido, rubro, veloz, incandescente
o incêndio que acordou.

A floresta rugindo as comas curva,
as asas fôscas o gavião recurva,
espantado, a gritar.

O estampido estupendo das queimadas
se enrola de quebradas em quebradas
galopando no ar.

E a chama lavra qual gibóia informe
que, no espaço vibrando a cauda enorme,
ferra os dentes no chão...

Nas rubras rôscas estortega as matas...
que espadanam o sangue das cascatas
do roto coração!

O incêndio — leão ruivo, ensanguentado,
a juba, a crina atira desgrenhado
aos pampeiros dos céus!

travou-se o pugilato... e o cedro tomba
queimado... retorcendo na hecatombe
os braços para Deus.

DENTRO DA NOITE

Ficas a um canto da sala,
olhas-me e finges que lês...
Ainda uma vez te oiço a fala,
olho-te ainda uma vez.
Saio... Silêncio por tudo.
Nem uma fôlha se agita.
E o firmamento, amplo e mudo,
cheio de estrêlas palpita.
E eu vou sòsinho, pensando
em tem amor, a sonhar,
no ouvido e no olhar levando
tua voz e teu olhar.

Mas não sei que luz me banha
todo de um vivo clarão;
não sei que música estranha
me sobe do coração.
Como que em cantos suaves
pelo caminho que sigo,
eu levo tôdas as aves,
todos os astros comigo;
e é tanta essa luz, é tanta
essa música sem par,
que nem sei se é a luz que canta
se é o som que vejo brilhar.

Caminho em êxtase, cheio
da luz de todos os sóis,
levando dentro do seio
um ninho de rouxinóis,
e tanto brilho derramo,
e tanta música espalho,
que acordo os ninhos e inflamo
as gotas frias de orvalho.
E vou sòzinho, pensando

em teu amor, a sonhar,
no ouvido e no olhar levando
tua voz e teu olhar.

Caminho. A terra deserta
anima-se. Aquí e alí,
por tôda a parte desperta
um coração que sorri.
Em tudo palpita um beijo,
longo, ansioso, apaixonado,
e um delirante desejo
de amar e de ser amado.
E tudo — o céu que se arqueia
cheio de estrêlas, o mar,
os troncos negros, a areia —
pergunta ao ver-me passar:

— “O amor que ao teu lado levas,
a que lugar te conduz
que entras coberto de trevas
e saes coberto de luz?
De onde vens? Que firmamento

correste durante o dia
que voltas lançando ao vento
esta inaudita harmonia?
Que país de maravilhas,
que El-Dorado singular
tu visitaste, que brilhas
mais do que a estréla polar?

E eu continuo a viagem,
fantasma deslumbrador,
seguido por tua imagem,
seguido por teu amor.
Sigo... Dissipo a tristeza
de tudo, por todo o espaço,
e ardo, e canto, e a Natureza
arde e canta quando eu passo.
Só porque passo pensando
em teu amor, a sonhar,
no ouvido e no olhar levando
tua voz e teu olhar.

Olavo Bilac.

VELHO TEMA.

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos dominados
Hão de á força escutar quanto eu sustente.

Quero que meu amor se te apresente
— Não andrajoso e mendigando agrados,
Mas tal como é: — risonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.

Nem êle mais a desejar se atreve
Do que merece: eu te amo, e o meu desejo
Apenas cobra um bem que se lhe deve.

Clamo, e não gemo; avanço e não rastejo;
E vou de olhos enxutos e alma leve
A galharda conquista do teu beijo.

Vicente de Carvalho.

A CARANGUEJEIRA

Teceu a caranguejeira
um fio longo; enlaçou-o
a um ramo, e a rêde ligeira
tramou, suspendeu-a no ar;
depois, no ruído do vôo,
pôs-se um besouro a espreitar.

— “Vamos ver
se hás de aquí cair — dizia —
embora pesado e imundo
como um touro
com os meus palpos te hás de haver,
e era um dia
um besouro!”

O besouro não na ouvia,
ou se a ouvia, nenhum caso
dela fazia;
pousava de flor em flor
com um zumbido
(mais parecia um gemido
de asmático moribundo)
com um zumbido de amor.

Eis por obra do acaso
lhe sucede
que ao dar um vôo maior,
esbarra de repente
atabalhoadamente contra a rêde;
esperneia, ronca e brada:
— “aquí del-rei!”
Mas não lhe serve de nada
porque é tudo indiferente,
nada escuta
o que diz
o infeliz!

E a caranguejeira astuta:
— “Pilhei-te ou não te pilhei?
Anda agora,
remexe-te, se és capaz,
ou se és capaz, vai-te embora!”
E os olhos que nem duas brasas
amarra-lhe os pés e as asas.

(Assim também, dêste modo,
houve uma caranguejeira
que a ela me prendeu todo,
prendendo-me a vida inteira)

Mas o prisioneiro faz
um esforço supremo
digno de ombros de um Briareu,
de Encélado ou Poliphemo;
a trama estremeceu,
o fio se partiu,
e como alado pelouro,
zumbindo livre, o besouro
fugiu.

Eu também da teia de ouro
a enlaçar-me a vida inteira,
 formosa caranguejeira,
saí como êsse besouro;
mas choro o tempo passado
 em que era teu,
e em que êsse fio dourado
 me prendeu.

Alberto de Oliveira.

VARIAÇÃO

Pois que tudo acabou, mando-te agora
os passaportes dessa despedida:
uma pálida rosa ressequida,
uma sombra de flor, murcha e inodora.

E o teu retrato que se descolora
como se descolora a minha vida,
vestida de anjo, a receber na ermida
tua primeira comunhão outrora.

Mando-te as cartas e os cabelos; mando
uma luva de que essa mão foi alma
quando... e dizer que já nem eu sei
[quando!

Mando-te. E manda-me, afinal te digo,
manda-me o eterno sono, e eterna calma,
manda-me o coração que está contigo!

Hermes Fontes.

SONHO DE UM DIA DE PRIMAVERA

Quando eu morrer quero sòmente
ter uma campã tòda em flor!
De mim resurja redolente
a floração do meu amor.

Porque o meu último desejo
é que êsse túmulo risonho,
tendo o silêncio para o beijo
seja um encanto para o sonho!

Para que um dia uns namorados
vendo êsse ninho encantador,
nele escondidos e abraçados
venham falar do seu amor.

Essa é a homenagem mais querida,
essa é a ventura mais secreta
que pode ter a alma florida
e apaixonada de um poeta!

Bendita seja a minha sorte
de enamorado sonhador,
se acaso eu fôr depois da morte
a alegre sombra de um amor.

Das recompensas gloriosas
essa é a mais íntima e sincera;
o amor não vive, como as rosas,
um dia em cada primavera.

Tudo se acaba neste mundo.
A vida é um sonho enganador.
Mas no infinito de um segundo
o amor é sempre o eterno amor!

Martins Fontes.

O PAO

I

Minha mãe, quando eu era ainda pequenito,
se um pedaço de pão me caía no chão,
mandava-me apanhá-lo, alimpá-lo e, con-
[trito,
fazia-me beijar o pedaço de pão.

Que era sagrado o pão, dado pelo infinito
majestoso Criador, dizia-me; e que então,
nem sempre merecido, êsse era o dom
[bendito,
dia a dia pedido em súplice oração...

Hoje, passados já setenta anos de lida,
agora que o menino é descrente e ancião,
a ordem materna é ainda e sempre
[obedecida...

Se um pedaço de pão me escorrega da mão,
penso erguer e beijar a minha própria vida
quando levanto e beijo o pedaço de pão.

II

A erva humilde em que brota uma espiga
[dourada,
transformando em mar de ouro a terra
[no verão,
e o grão dessa erva humilde a Ceres con-
[sagrada,
ao homem vale mais que o ouro — porque
[é o pão.

E o pão não é sòmente um símbolo e mais
[nada:
êle é o calor da vida e o sol da nutrição;
e até à morte, desde a primeira alvorada,
é o sangue a renascer dentro do coração.

Humus que se faz seiva em teu corpo,
[hora a hora,
lembra-te, homem, que é terra e que é sol
[êsse grão
que a energia te aumenta e as fôrças te
[avigora.

E se a terra e se o sol, generosos to dão,
sê também generoso, e ao pobre que to
[implora,
não lhe negues jamais um pedaço de pão.

III

Homem, beija o teu pão! Esse é um
[costume antigo,
dos mais belos que guarda o espírito
[cristão;

porque ainda hoje o pão é o teu melhor
[amigo,
e o que a terra produz de melhor ainda
[é o pão.

Reparte-o, se o não tem, com o teu próprio
[inimigo,
que te há de vir a paz da beleza da ação;
e, se o podes, levanta um monumento ao
[trigo,
vota-lhe o teu respeito e a tua adoração.

Porque na luta o pão é a tua resistência;
no teu lar é o amor, o conforto, a união;
no mundo a liberdade, a audácia, a
[independência.

Suplica, pois, aos céus, em comovida unção,
que aos teus filhos, e após à sua descen-
[dência,
nuca falte na vida um pedaço de pão.

Filinto de Almeida.

AS TRES COROAS

Na sala do museu,
as tres coroas conversavam. Uma,
a que era de oiro, disse às outras: "Eu
fui de um rei, e curvei meu rei como uma
[pluma
ao péso bom das minhas jóias tutelares.
Tive um reino a meus pés
com soldados e teares,
e tórres brancas e altas como luas,
e searas mais maduras,
mais loiras de que o sol; e navios enormes
como os templos de Deus
e os palácios dos homens...
Fui tudo: rica, poderosa, bela...

Tive um rei a meus pés
e um céu sôbre nós dois...

Depois,

pesei demais para a cabeça velha
do meu rei — e caí.

E puseram-me aqui.”

A segunda coroa,

a de louros, falou: — “Nasci na Grécia.

Eu fui o gesto verde que abençoa!

e, inatingível como uma promessa,

gesticulei na ponta

viva do meu loureiro

chamando os poetas e os heróis do mundo

[inteiro.

Junto a mim, sob a copa alta e redonda,

êles cantaram e lutaram,

estenderam-me os braços — e passaram!

O amor passou também

com frutas e com danças,

com uvas nos chavelhos

ou com rosas nas tranças,
oferecendo a bôca e caindo de joelhos,
ou tatuando na pele do meu tronco
a data de um encontro,
a data de um adeus...
E o amor ergueu também seus braços para
os céus!
Nem sei qual foi a mão
que me colheu, porque logo murchei”...

Então,

a terceira coroa — a de espinhos —
disse às outras:
“Eu fui uma urze dos caminhos,
vivi só, sempre só,
escondendo venenos sob o pó.
Mas um dia enrolaram-me à cabeça
de um homem que era branco como um
louco,
e belo, e bom como a tristeza,
e puro como o fogo...
E sofrendo, e sofrendo,

êle morreu comigo. Então fiquei sabendo
que eu valia tesouros e tesouros,
mais que as coroas de ouro
e as coroas de louros,
porque eu coroei os reis e os heróis,
eu coroei
todos os homens... E ainda não murchei!

Guilherme de Almeida.

A OVELHA TRESMALHADA

A noite abriu num céu estranho
para adorá-las e querê-las,
um turbilhão tonto de estrêlas,
lindas ovelhas de um rebanho.

E o luar — pastor lírico — em breve
surge, e apontando o seu cajado,
vai por montes e colinas de neve
guiando o rebanho mágico e doirado.

Mas uma ovelha tresmalhada
perdeu-se. O luar em cólera se espelha:
— onde andaré aquela ovelha
de olhos verdes, a mais amada,
de bôca a mais vermelha?

Onde andará? De serra em serra:
Onde andará?... Ansioso avança
como um doido pelas alturas:..

E ela tranquila aqui na terra,
com o nome lindo de Esperança,
iludindo e matando as criaturas.

Olegário Mariano.

BRASIL

— Eh! Oh! Boiadeiro!
O fim desta estrada
onde é que vai dar?
— No fim desta estrada
tem sete lagôa,
tem dez capoêra,
tem vinte frechá.
Dispois tem cem rio
maió do que o má;
dispois tem as serra,
subindo na serra
lá em riba, na chã,
e oiando p'ra baixo
parece boiada...

os dia vai indo
vancê vá seguindo,
não tem mais errada!...
Dispois disso tudo
tem mais outra estrada...
— Depois dessa estrada?
— Tem muitas estrada...
Tem sempre Brasil.
— Depois do Brasil?
— Depois... não tem nada!

Luiz Peixoto.

MISÉRIA

Miséria — minha íntima riqueza
neste viver lentíssimo, enfadonho!
Imortal estatuária da beleza
dos versos dolorosos que componho.

Cedo teu vulto de lirial esgueira
olhei, de minha mãe no olhar tristonho;
e nem supunha, àquele seio presa,
que eras tu que aleitavas o meu sonho.

Deste-me, em ouro que se não consome,
ao espírito quanto me extorquiste,
ao corpo o pão ideal da minha fome!

Faças-me a alma robusta e a forma etérea.
Amo-te assim, minha opulência triste,
minha festuosa e imácua miséria!

Gilka Machado.

VIDA

Mal nasce a filha, eis morre o pae...
E ouviu, do leito, o teu ouvido,
Num mesmo som, da que nascia
O flébil, trêmulo vagido,
Bem como o último gemido
 Da agonia
 Do que morria...
Vida que vem, vida que vai.

Tu eras o traço de união
 Daquelas vidas,
Dentro em ti mesma reunidas
 No coração.

Eras o Mar. Eles, as ondas:
Uma onda a filha, outra onda o pai,
Onda que vem, onda que vai...

E outras virão, e outras irão,
E umas das outras surgirão...
Na mesma força indefinida,
Túrgidas, grossás e redondas,
Hão de crescer, hão de acabar.

Mas a agua é a mesma, é o mesmo o Mar,
É o mesmo o Amor, é a mesma a Vida...
A onda que desapareceu

Fêz surgir

A que nasceu.

Desta, cem outras hão de vir,
Em que mil outras se contenham
E estas farão com que outras venham...

Onda que vem, onda que vai,
Esta se apruma, aquela cai,
Agua do Mar, que agora flue,
Logo reflue...

O pai não viu a filha sua.
É a filha... não verá seu pai.

É a Vida, enfim, que continua:
Vida que vem... Vida que vai.

Afonso Lopes de Almeida.

PONTOS NOS II

Diz Rostand, poeta de gôsto,
no Cyrano isto se lê,
ser o beijo um ponto pôsto
sôbre o i do verbo *aimer*.

Mas de tal verbo sômente?
Rostand, discordo de ti;
de tal ponto pode a gente
fazer uso em qualquer i.

Outro dia à minha amada
eu disse — “ora já se vê!
é letra privilegiada
o tal i do verbo *aimer*?

Coisa tal não tem sentido
em Londres ou mesmo aqui,

pois é fato assaz sabido
to love e *amar* não têm i.

Ora sendo isto verdade,
o tal ponto, bem se vê,
pode servir à vontade;
não é só do verbo *aimer*.

Dispensó conselhos sábios,
e amor, garanto-te aqui,
que se me desses teus lábios
lhes poria o ponto no i...

E depois que protestasse
mestre Rostand, qual o quê,
que outro ponto êle arranjasse
para o i do verbo *aimer*.

E se aos ii faltarem pontos
noutros lábios juvenís,
eu aqui tenho os meus prontos
para pôr pontos nos ii!

Bastos Tigre.

PECADOS

Pecados... quanto pecado
vai pelo mundo de Deus!...
os home é bicho marvado
que, ao nascê, já vem curpado.
Todos peca seu bocado,
vancês lá tem seus pecado,
eu também cá tenho os meus...

Seje uns pecado de arromba,
daqueles que é feito bomba
e fais tudo dizê: chiii!...
Ou bem dêsses caladinho,
piquitito, mas ruinzinho,
que nem arte do Sací.

Pecadinho vagabundo,
que a gente fais neste mundo
e nem sabe praquê feis.
Mas o pió dos pecado
é nesses que a gente encosta
e fica alí tarrachado...
Pecado que a gente gosta
é pecado duas veis!...

E é tanto pecado, tanto
que inté indantes de sê santo
munto santo é pecadô
e, adespois da santidade
chega a memo tê sodade
duns pecado que passou...

Eu cá vou tê uma franqueza:
nem que visse cum certeza
a minh'arma a se perdê
e o meu nome inscamungado,
se meu bem sesse um pecado,
de tê feito êsse pecado
num pudera rependê.

Pruquê pecá afinarmente,
taí o consôlo da gente,
seje nós home ou muié,
é pórprio do nosso instado
e eu chego a achá que é coitado
quem na vida o não fizé.

Nosso Sinhô disse um dia,
— isso inté tá garantido
nos sermão dos monsinhô —
que há no céu mais alegria,
pois, óia só, quem diria?...
Pru pecadô ripendido
que p'ra quem nunca pecou!...

Maria Eugênia Celso.

A CAMINHO DA FONTE

Ei-las que passam, muito amigas,
o pote no ombro, as mãos no pote,
rumo da fonte, as raparigas....
Levam boninas encarnadas
presas em tórno do decote...
E como cantam as faceiras,
deixando no ar, entre risadas,
a melodia das cantigas,
dessas cantigas brasileiras!...

Cada uma tem seu namorado.
E porque o sino reza agora,
na velha tórre, a Ave-Maria,
tomam por toques de noivado
os sons que vibram lá por fora...
Ah! como esperam êsse dia,
em que hão-de ver-se, bem mais belas,
no alvor dos véus e das capelas,
sorrindo junto ao ser amado!...

A sua história, curta e vaga,
é sempre a mesma: iam à fonte...
Cantavam, de olhos no horizonte,
tendo boninas côr de chaga
prêsas em tórno do decote...
Mas surge alguém... um rapazote...
e dão-lhe as flores... Calafrio...
— E o coração, que foi vazio,
voltou mais cheio do que o pote...

Cleómenes Campos.

CANSAÇO

Eu sinto esta manhã um enorme cansaço,
um profundo cansaço,
que não posso explicar.

Estirada na relva,
como que entontecida de mormaço
e vencida de sono,
aquí estou sem ação nem pensamento,
sem prazer e sem dor,
num completo abandono
de coisa inerte,
como um fardo sem dono
esquecido no chão.

Eu sinto esta manhã um estranho torpor,
um profundo torpor

que não posso vencer.
Nada há que me desperte.
É um cansaço sem tempo e sem motivo,
e eu chego a crer que apenas vivo
uma antecipação do dia de morrer.
Eu morro de cansaço,
êste cansaço não é meu apenas,
não pode ser só meu.
Deve ser um cansaço
que vem de gerações passadas,
cansaço de amarguras e de penas
dentro do tempo acumuladas.
Cansaço hereditário,
cujo comêço alcança outras idades.
Cansaço de alma e de matéria,
arrastado por longas caminhadas,
por distantes desertos e cidades,
pelas regiões abandonadas
que um dia floresceram.
Cansaço transmitido
pelos corpos que lutaram e morreram.
Cansaço de ombros que arrastaram

grilhões de ferro ou mantos de ouro.
Cansaço de mãos rudes que mataram.
Cansaço de revoltas abafadas,
de angústias sem palavras,
de glórias tristes que humilharam.
Cansaço de clamar pela justiça,
cansaço de esperar pela verdade,
cansaço de sonhar.

Todo êsse pêso pesa no meu corpo,
e cresce, e aumenta a minha lassidão.
Debalde estendo os olhos pelo espaço,
sou um verme no chão.
Quem sabe se o meu corpo já procura
quieto, parado, tonto de mormaço,
descansar para sempre êste cansaço?

Ana Amélia Carneiro de Mendonça.

PÓSTUMA

Noite fechada, lúgubre, sombria.
Céu escuro, tristíssimo, nevoento.
Relâmpagos, trovões, água, invernía.
E vento e chuva, e chuva e muito vento!

Abro um pouco a janela, húmida e fria.
Quedo a ver e a escutar, por um momento,
o rugido feroz da ventania
e o rasgar dos fuzís no firmamento.

Quero vê-la no céu... e o céu escuro!
E sem temer que chova, e o vento açoite,
abro mais a janela, abro e murmuro:

ah! talvez acalmasse o meu tormento,
se eu pudesse chorar, como esta noite!
Se eu pudesse gemer, como êste vento!

Raul Machado.

MODINHA

A gente de mais idade
sabe de coisa que a gente
só mais tarde há-de saber.
Ela diz e é verdade:
se a palma da mão comicha
é um bem que vai se ter.
Basta pedir com vontade
e coçar onde comicha
p'ra logo se receber.
Eu pedi felicidade
uma vez que isto se deu
na palma de minha mão...
Quanto tempo que passou!
Felicidade se gasta,
não dura com o tempo, não...
Aquela já se acabou...
E eu ando agora esperando
que dê outra comichão
na palma da minha mão!

Alvaro Moreira.

OFERENDA

Senhor!

Venho dar-te a sorrir tôda a minha alegria,
minha imensa alegria!

minha felicidade, meu riso, meu amor,

Senhor!

Todos vêm a ti para rogar,
para pedir, para chorar,
para implorar de ti consolação,
auxílio, bênçãos ou perdão.

Eu não,

Senhor,

eu venho para dar!

Sobeja-me ventura;

transborda em minha vida

sol, fulgor, claridade,

e meu sonho de amor e de beleza
foi bem menor do que a realidade.

Senhor,

eu venho para dar!

Recebe em tuas mãos,

habitadas a colhêr

preces, imprecações,

lágrimas e desesperos,

um ramo perfumado

de lírios e de rosas,

de cantos e sorrisos,

de hosanas e de graças!

Toma de mim um pouco de ventura

para dares a cada creatura

que na vida não conheça

a glória de ser feliz!

Tenho-a tanta, meu Deus, que embora a

[tomes

fica-me farta messe

para distribuir e para dar ainda!

Quero que todos saibam

minha alegria infinda!

Quero gritar ao mundo
que adoro a vida
que é boa, e bela, e forte e apetecida;
e que, mesmo que um dia a minha sorte
se transforme de súbito, e o que é belo
e o que é bom e alegre, a morte
me arrebate das mãos com crueldade;
eu bendirei a vida na saúde
de um bem que tive que é tão grande
[que há-de
iluminar eternamente, mesmo a treva
mais densa e mais profunda!

Senhor!

Uma luz fulgurante os meus olhos inunda.
Toma-me um pouco dessa luz, derrama-a
sobre aquele que é cego de ventura,
ou mau, ou pervertido.

E deixa-me dizer-te com amor:

— obrigada, Senhor, por ter nascido!

Obrigada, Senhor!

Margarida Lopes de Almeida.

ANOCHÉ CUANDO DORMÍA

Anoche cuando dormía
soñé, bendita ilusión!,
que una fontana fluía
dentro de mi corazón.
Di, por qué acequia escondida,
agua, vienes hasta mi,
manantial de nueva vida
en donde nunca bebí?

Anoche cuando dormía
soñé, bendita ilusión!
que una colmena tenía
dentro de mi corazón;
y las doradas abejas
iban fabricando en él,
con las amarguras viejas
blanda cera y dulce miel.

Anoche cuando dormía
soñé, bendita ilusión!,
que un ardiente sol lucía
dentro de mi corazón.
Era ardiente porque daba
calores de rojo hogar,
y era sol porque alumbraba
y porque hacía llorar.

Anoche cuando dormía
soñé, bendita ilusión!,
que era Dios lo que tenía
dentro de mi corazón.

Antônio Machado.

SALMO DE AMOR

Dios te bendiga, amor, porque eres bella!
Dios te bendiga, amor, porque eres mía!
Dios te bendiga, amor, cuando te miro!
Dios te bendiga, amor, cuando me miras!

Dios te bendiga si me guardas fé;
si no me guardas fé, Dios te bendiga!
Hoy que me haces vivir, bendita seas;
cuando me hagas morir, seas bendita!

Bendiga Dios tus pasos hacia el bien;
tus pasos hacia el mal, Dios los bendiga!
Bendiciones a ti cuando me acojes;
bendiciones a ti cuando me esquivas!

Bendígate la luz de la mañana
que al despertarte hiere tus pupilas;
bendígate la sombra de la noche,
que en su regazo te hallará dormida!

Abra los ojos para bendecirte,
antes de sucumbir, el que agoniza!
Si al herir te bendice el asesino,
que por su bendición Dios le bendiga!

Bendígate el humilde a quien socorras!
Bendígate, al nombrarte, tus amigas!
Bendígate los siervos de tu casa!
Los complacidos deudos te bendigan!

Te dé la tierra bendición en flores,
y el tiempo en copia de apacibles días,
y el mar se aquiete para bendecirte,
y el dolor se eche atrás y te bendiga!

Vuelva a tocar con el nevado lirio
Gabriel tu frente, y la declare ungida!

Dé el cielo a tu piedad don de milagro
y saren los enfermos a tu vista!

Oh querida mujer!... Hoy que me adoras,
todo de bendiciones es el día!
Yo te bendigo, y quiero que conmigo
Dios y el cielo y la tierra te bendigan!

Eduardo Marquina.

CÓRDOBA

Córdoba,
lejana y sola.

Jaca negra, luna grande,
y aceitunas en mi alforja.
Aunque sepa los caminos,
yo nunca llegaré a Córdoba.

Por el llano, por el viento,
jaca negra, luna roja.
La muerte me está mirando
desde las torres de Córdoba.

¡Ay, que camino tan largo!
¡Ay, mi jaca valerosa!
¡Ay, que la muerte me espera
antes de llegar a Córdoba!

Córdoba.
Lejana y sola.

Federico García Lorca.

CONFESIÓN

*A Margarida Lopes de Almeida,
homenaje de admiración, de es-
tima y de gratitud eternas.*

Si aún tienes valor,
mirame a los ojos
como miro yo.

No tiembles ; Porqué
si no hiciste cosa
que pueda ofender?

No pregunto nada.
¿Para que respondes
con tantas palabras?

Calla, que es mejor.
A chorros, podrida,
se te cae la voz.

Ah, el señor hidalgo!
Judas, cuando menos,
se vendió mas caro.

Vate, miserable.
Ya nadie te quiere
ni dado de balde.

*

* *

¿Y te vas así?
¿Y no te dá pena
ni angustía de mí?...

¡Si te quiero aún!
Si te querré siempre
por... porque eres tú!!

• *Alvaro de las Casas.*

DESPECHO

Ah, qué estoy cansada! Me he reído tanto,
Tanto, que a mis ojos ha asomado el llanto;
Tanto, que este rictus que contrae mi boca
Es un rastro extraño de mi risa loca.

Tanto, que esta intensa palidez que tengo
(Como en los retratos del viejo abolengo),
Es por la fatiga de la loca risa
Que en todos mis nervios su sopor desliza.

Ah, qué estoy cansada! Déjame que duerma,
Pues, como la angustia, la alegría enferma;
Qué rara ocurrencia decir que estoy triste!
Cuando más alegre que ahora me viste?

Mentira !No tengo ni dudas, ni celos,
Ni inquietud, ni angustias, ni penas, ni
[anhelos;
Si brilla en mis ojos la humedad del llanto,
Es por el esfuerzo de reírme tanto...

Juana de Ibarbourou.

**ROMANCE DE LA NIÑA
QUE SALE DE COMPRAS**

La niña sale de compras,
de compras sale la niña;
porque ella sale de compras
se pone más lindo el día.

Las calles de Buenos Aires
la esperan en las esquinas
y la saludan al paso
con impacientes bocinas,
mientras muelen con el freno
su lentitud, los tranvias.

Ella va de tienda en tienda,
(Qué busca?... Qué necesita?...)
pregunta el precio de todo,
revuelve las mercerías,
y al azar de su capricho
toda la ciudad se agita,
tiembla el comercio y la industria
y el tráfico se complica.

A la hora del regreso,
por el cansancio encendida,
la niña vuelve de compras
con medio metro de cinta.

Luis Cané.

O DINHEIRO

O dinheiro é tão bonito,
tão bonito e maganão,
tem tanta graça o maldito,
tem tanto chiste o ladrão!...
O falar, fala de um modo...
todo êle, aquele todo...
E elas acham-no tão guapo!
Velhinha ou moça que o veja,
por mais esquiva que seja,
tlim!
Papo.

E a cegueira da justiça
como êle a tira num ai!
Sem pegar nem com a pinça,

e só dizer-lhe: aí vai...
Operação melindrosa
que não é lá qualquer coisa.
Catarata, tome conta!
Pois não faz mais do que isto,
diz-me um juiz que o tem visto:

Tlim!

Pronta.

Nessas espécies de exames
que a gente fêz em rapaz,
são milagres aos enxames
o que aquele demo faz!
Sem saber nem patavina
da gramática latina
quer-se a gente dali fora?
Vai êle com tais falinhas,
tais gaifonas, tais coisinhas...

Tlim!

Ora...

Aquela fisionomia
e lábia que o demo tem!
Mas numa secretaria
aí é que é vê-lo bem.
Quando êle de grande gala
entra o ministro na sala
aproveita a ocasião:
— conhece êste amigo antigo?
— Oh, meu tão antigo amigo!

Tlim!

Pois não!

João de Deus.

MORS AMOR

Este negro corcel, cujas passadas
escuto em sonhos, quando a sombra desce,
e, passando a galope, me aparece
da noite nas fantásticas estradas,

Donde vem êle? Que regiões sagradas
e terríveis cruzou, que assim parece
tenebroso e sublime, e lhe estremece
não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,
formidável, mas plácido no porte,
vestido de armadura reluzente,

cavalga a fera estranha sem temor.
E o corcel negro diz: Eu sou a morte.
Responde o cavaleiro: Eu sou o Amor.

Antero de Quental.

O AMOR E O TEMPO

Pela montanha alcantilada
todos quatro, em alegre companhia,
o Amor, o Tempo, a minha amada
e eu, subíamos um dia.

Da minha amada no gentil semblante
já se viam indícios de cansaço...
o Amor passava-nos adiante
e, como o tempo, acelerava o passo.

— Amor, Amor, mais devagar!
Não corras tanto assim, que tão ligeira
não pode com certeza caminhar
a minha doce companheira.

Súbito o Amor e o Tempo, combinados,
abrem as asas trêmulas ao vento.

— Por que voais assim, tão apressados?
Onde vos dirigís?

Nesse momento

volta-se o Amor e diz com azedume:

— Tende paciência, amigos meus;
eu sempre tive êste costume
de fugir com o Tempo. Adeus... Adeus...

Antônio Feijó.

O PASSEIO DE STO. ANTONIO

Sáira Sto. Antônio do convento
a dar o seu passeio costumado,
e a repetir num tom pesado e lento
um candido sermão, sôbre o pecado.

Andando, andando sempre, repetia
o divino sermão, piedoso e brando,
e nem notou que a tarde esmorecia,
que vinha a noite plácida baixando.

E andando, andando, viu-se num outeiro,
com árvores e casas espalhadas,
que ficava distante do mosteiro
uma légua das fartas, das puxadas.

Surpreendido por se ver tão longe,
e fraco por haver andado tanto,
sentou-se a descansar o bom do monge
com a resignação de quem é santo.

O luar, um luar claríssimo, nasceu:
num raio dessa linda claridade,
o Menino Jesús baixou do céu,
pôs-se a brincar com o capuz do frade.

Perto uma bica d'água soluçante
juntava o seu murmúrio aos dos pinhais;
os rouxinóis ouviam-se distante;
o luar mais alto iluminava mais.

De braço dado para a fonte vinha
um par de noivos, todo satisfeito:
ela trazia ao ombro a cantarinha;
êle trazia o coração no peito...

Sem suspeitarem de que alguém ouvisse
trocaram beijos ao luar tranqüilo..

o Menino, porém, ouviu e disse:
— oh! Frei Antônio, o que foi aquilo?

O Santo, erguendo a manga do burel
para tapar o noivo e a namorada,
mentiu numa voz doce como o mel:
— não sei que fôsse... eu cá não ouvi nada.

Uma risada límpida, sonora,
vibrou com timbres d'ouiro no caminho.
— ouviste, Frei Antônio? Ouviste agora?
— ouvi, Senhor, ouvi; é um passarinho.

— Tu não estás com a cabeça boa;
um passarinho e a cantar assim?
E o pobre Santo Antônio de Lisboa
calou-se embaraçado. Mas por fim

corado como as vestes dos cardiais,
achou esta saída redentora:
— Si o Menino Jesús pergunta mais
queixo-me a sua Mãe, Nossa Senhora.

Voltando-lhe a carinha contra a luz,
e contra aquele amor sem casamento
pegou-lhe ao colo e acrescentou: — Jesús
são horas. E abalaram p'ra o convento.

Augusto Gil.

O PRETO-PAPUSSE-PAPÃO

Em certa janela
traseira
de casa amarela,
fronteira
daquela
onde dantes morava Papim
— (um menino de bibe e calção) —
era certo e sabido,
de branco vestido
surgir
— (areando uns metais e a rir) —
o Preto-Papusse-Papão.

E logo ao Papim,
alguém, de um saguão,
numa exclamação

em voz de trovão,
bradava-lhe assim:
— “Menino, não se debruce,
aí, não se debruce...
senão
apanha-o a mão
do Preto-Papusse
Papão
que papa o Papim!

— “Menino não se debruce!
Por causa, Papim,
do Preto-Papusse
do Preto-Papão!”

*
* *
*

É inda hoje, hoje ainda! Inda ao fim
de se haver passado por mim
tanto e tanto tranqüilo serão,
não sei porque sim,

porque não,
ao meu coração ,
quer muito me pulse
quer pouco,
em som cavo e rouco
a voz de trovão
torna assim:

— “Menino, não se debruce,
ai, não se debruce...

senão
apanha-o a mão
do Preto-Papusse,
Papão que papa o Papim!”

— Menino não se debruce!
Por causa, Papim,
do Preto-Papusse,
do Preto-Papão!

Augusto de Sta. Rita.

ALEGRIA

De passadas tristezas, desenganos,
amarguras colhidas em trinta anos...
De velhas ilusões,
de pequenas traições,
que achei no meu caminho...
De cada injusto mal, de cada espinho
que me deixou no peito a nódoa escura
d'uma nova amargura...
De cada crueldade
que pôs de luto a minha mocidade...
De cada injusta pena
que um dia envenenou e ainda envenena
a minh'alma que foi tranqüila e forte...
De cada morte

que anda a viver comigo a minha vida,
perdoada ou esquecida...

De cada cicatriz

eu fiz

nem tristeza, nem dor, nem nostalgia,
mas heróica alegria,

alegria sem causa, alegria, alegria,

apenas porque é noite ou porque é dia,

alegria sem causa, alegria animal,

que nenhum bem,

que nenhum mal

pode vencer...

Doido prazer

de respirar!

Volúpia de encontrar

a terra honesta sob os pés descalços...

Prazer de abandonar os gestos falsos,

prazer de regressar,

de respirar

honestamente e sem caprichos,

como as ervas e os bichos!

alegria voluptuosa

de trincar frutos e de cheirar rosas,
alegria sutil
de me aquecer ao sol como um reptil...
Alegria brutal e primitiva
de estar viva,
feliz ou infeliz,
mas bem presa à raiz...
Volúpia de sentir na minha mão
a côdea loira do meu pão...
Volúpia de sentir-me ágil e forte
e de saber enfim que só a morte
é triste e sem remédio...
Prazer de renegar, de destruir o tédio,
êsse estranho cilficio,
e de entregar-me à vida como a um vício.
Alegria!
Alegria!
Volúpia de sentir-me cada dia
mais cansada, mais triste, mais dorida,
mas cada vez mais agarrada à vida.

Fernanda de Castro.

AU CIEL

“Hé, là-bas” s’écria Saint Pierre,
“qui frappe à l’huis du Paradis?
— Oh! c’est l’âme d’un pauvre hère,
mon bon Monsieur!” que je lui dis.

— “Vous croyez qu’on entre peut-être
ici comme dans un moulin?
— Vous êtes si bon, mon doux maître...”
Repris-je en faisant le câlin.

— “Taisez-vous! On ne peut me plaire
par des douceurs ni des cadeaux.
C’était bon avec leur Cerbère
qu’on prenait avec des gâteaux!

“Je suis un portier sans faiblesse.
Répondez: sur terre, là-bas,
Alliez-vous entendre la messe?”
“— Pas souvent” lui dis-je tout bas.

— On sait ce que cela veut dire,
— Pas souvent! — mais notre bon Dieu
est partout. Cela peut suffire
de l'adorer hors du saint lieu.

“Lui faisiez-vous votre prière
en vous couchant?” — “En me couchant?
Je ne me souviens pas, saint Pierre,
mais peut-être bien qu'en cherchant...

— “Hum!... enfin!... Et la bonne chère?”
— “Je l'aimais assez...” — “Et le vin?”
— “La bouteille aussi m'était chère.”
— “Bûtes-vous trop?” — “Cela m'advint.”

— “Mais vous viviez comme un infâme!
Et la vertu?”... — “Dame! j'aimais
toujours une petite femme!”
— “Etait-ce la même?” — “Jamais!”

— “Et vous avez encor l'audace
de me dire çà sous le nez?
Pour vous nous n'avons pas de place:
allez-vous-en chez les damnés!

“Oh! là-bas on vous fera fête,
Monsieur le... Tiens, au fait, qu'avez
vous été sur terre?” — “Poète.
Je faisais des vers, vous savez”.

— “Hein? Poète?...” Alors, m'ouvrant
[vite:
— “Pourquoi”, fit-il d'un ton plus doux,
“ne l'avoir pas dit tout de suite?
“entrez donc! Vous êtes chez vous.”

Edmond Rostand.

ROBES ET MANTEAUX

Emergeant du bel escalier
dans les salons du couturier
de son volume inconsciente,
paraît une enorme cliente
qui vient chez le maître habilleur
choisir un costume tailleur.

Des demoiselles tout en noir
s'elancent pour la recevoir...
Et l'on voit à leur politesse,
a la façon dont on s'empresse
de lui voiturer un fauteuil,
qu'on ne l'habille pas à l'œil.

La ruche est sans dessus-dessous:
— “Quelle façon désirez-vous?
— Voulez vous voir une gravure
pour l'étoffe et la garniture?”
Puis madame Sarah
dit: “Du reste, tout vous ira!”...

Je vois tres bien ce qu'il vous faut,
bien de mastoc et de lourdaud...
Priez mademoiselle Adèle
de venir avec le modèle
gris souris et vert aloès
que nous fimes pour les d'Uzès!”

Droit comme un pavot de Tarquin,
surgit un joli mannequin,
moitié guêpe et moitié liane,
moitié Venus et moitié diane,
et qui semble dans le salon
preceder son maître Apollon.

— Ce modèle très élégant
vous ira, je crois, comme un gant!
Il vous fera cette tournure,
il vous donnera cette allure...
Même il nous faudra l'enforcir
pour ne pas trop vous amincir..."

La dame — aveuglement puérite! —
déjà se croit l'aspect d'un fil:
— "Qui donc disait que j'étais grosse?
Je ne suis qu'une maigre fausse!
Ce modèle c'est, en effet,
pour moi qu'il a l'air d'être fait!"

*

* *

Quand le costume est terminé,
machiné, truqué, baleiné,
les demoiselles hors d'haleine
y fourrent la dame avec peine
qui, voyant qu'elle a l'air d'un tas,
de surprise n'en revient pas!

— “Le modèle que j’ai choisi,
dit-elle le teint cramoisi,
faisait le mannequin plus mince!
Il faut qu’on truque! Il faut qu’on pince!
Arrangez-vous! Car dans le prix
l’aspect d’un sylfe était compris!

Madame, dit le couturier
(philosophe un peu par métier)
des mannequins les silhouettes
Sont nos miroirs les alouettes...
Je vends le costume tout sec,
je ne vends pas la taille avec!”

M. Zamacois.

LE HARENG SAUR

Il était un grand mur blanc — nu, nu, nu,
contre le mur une échelle — haute, haute,
[haute,
et, par terre, un hareng saur — sec, sec,
[sec.

Il vient, tenant dans ses mains — sales,
[sales, sales.
Un marteau lourd, un grand clou —
[pointu, pointu, pointu,
un peloton de ficelle — gros, gros, gros.

Alors il monte à l'échelle — haute, haute,
[haute,
et pointe le clou pointu — toc, toc, toc,
tout en haut du grand mur blanc — nu, nu,
[nu.

Il laisse aller le marteau — qui tombe, qui
[tombe, qui tombe,
atache au clou la ficelle — longue, longue,
[longue,
et, au bout, le hareng saur — sec, sec, sec.
Il redescend de l'échelle — haute, haute,
[haute,
l'emporte avec le marteau — lourd, lourd,
[lourd,
et puis, il s'en va ailleurs — loin, loin, loin.
Et depuis le hareng saur — sec, sec, sec,
au bout de cette ficelle — longue, longue,
[longue,
très lentement se balance — toujours, tou-
[jours, toujours.

J'ai composé cette histoire — simple, sim-
[ple, simple,
pour mettre en fureur les gens — graves,
[graves, graves,
et amuser les enfants — petits, petits,
[petits.

Charles Cros.

PIANO

Mon amour, j'ai fait pour toi
une chanson sur trois notes.
Je la joue avec un doigt.
Mets-toi là. Écoute-la.
Si tu la trouves trop sotté,
tu me le diras, voilà.

J'aime une petite étrangement belle.
"Pourquoi, me dit-elle, êtes-vous jaloux?
Cela se voit bien que je suis fidèle
et n'aime que vous!

Ne plus vous aimer? Mais c'est impossible!
Vous me paraissez, au milieu des gens,
tellement plus fin, plus doux, plus sensible,
plus intelligent!

N'ayez donc pas peur, méchant que vous
[êtes!
Je n'aime que vous. Je ne suis qu'à vous.
C'est très laid, monsieur, de faire la bête
et d'être jaloux!"

C'est vrai. Je la sens à moi toute entière.
Son cœur n'est pas faible et n'est pas hardi.
Elle est très fidèle. Elle est très sincère...

qu'à coup sûr, ailleurs, un autre homme
[existe,
plus parfait que moi, qui viendra vers nous,
qu'il sera joyeux quand je serai triste
et qu'elle a du goût.

Et je suis jaloux, et je m'inquiète,
et je perds la tête, et j'ai le cœur gros...

Voilà la chanson que je vous ai faite,
mon petit oiseau.

Paul Géraldy.

**CRONOLOGIA ARTISTICA
DE MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA**

- 1921 — Rio de Janeiro — São Paulo — Minas.
- 1922 — Rio de Janeiro — Rio Grande do Sul — Buenos Aires.
- 1923 — Rio de Janeiro — São Paulo — Paraná — Santa Catarina.
- 1924 — Rio de Janeiro — Minas — Pernambuco — Paraíba — Ceará.
- 1925 — Baía — S. Paulo — Paraná — Lisboa — Pôrto — Coimbra.
- 1926 — Paris — Alexandria — Cairo — Vichy — Brides les Bains.
- 1927 — Paris — Lisboa — Pôrto — Coimbra — Madeira.

- 1928 — Paris.
- 1929 — Paris — Sevilha — Barcelona —
Madrid — Lisboa — Coimbra —
Pôrto.
- 1930 — Paris — (Sorbonne e Theatre de
l'Odeon) — Bruxelas — Antuérpia.
- 1931 — Paris — Bruxelas — Antuérpia —
Madrid.
- 1932 — Paris — Rio de Janeiro.
- 1933 — Rio de Janeiro — S. Paulo — Pa-
raná — Sta. Catarina — Rio Gran-
de do Sul.
- 1934 — Rio de Janeiro — Lisboa — Pôrto
— Coimbra — Évora — Beja —
Estremoz — Santarém — Funchal.
- 1935 — Minas — Rio de Janeiro — São
Paulo.
- 1936 — Rio de Janeiro — Sta. Catarina —
Rio Grande do Sul — Buenos Aires
— Montevideo.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).